

## EL MARCO SOCIAL Y ECLESIAL HOY DE AMÉRICA LATINA: 25 AÑOS DESPUÉS DE PUEBLA

*Cardeal Dom Cláudio Hummes*

Apresentar o marco social e eclesial que identifica hoje a América Latina e o Caribe, 25 anos depois da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla, em 1979, exige um trabalho complexo e necessariamente provisório, visto que uma análise mais iluminadora da atual realidade latino-americana requereria uma adequada distância histórica, para que a crítica pudesse ser mais objetiva e completa. Trata-se, de fato, de um período histórico não terminado e no qual estamos todos envolvidos. Além disso, a humanidade passa hoje por uma grande mudança, que, simultaneamente, é em parte causa e em parte efeito da profunda crise cultural, religiosa e econômica que o mundo hoje vive, atingindo também a América Latina, submetendo-a a grandes transformações. Por sua vez, a Igreja Católica latino-americana é envolvida nesta crise e nas mudanças em marcha. Convém notar logo, porém, que os elementos dessa nova realidade são, por uma parte, inovações positivas, fatores de verdadeiro progresso, e, por outra, componentes negativos e desumanizadores, como ocorre praticamente sempre nas grandes crises da humanidade. Avaliar o que é realmente positivo e o que é negativo ou problemático, não será sempre fácil nem pacífico.

Desse modo, para apresentar o atual marco social e eclesial da América Latina e Caribe, 25 anos depois de Puebla, vamos partir de alguns aspectos significativos que o próprio documento conclusivo de Puebla, na época, assinalou como determinantes do marco social e eclesial naquele período, isto é, em 1979, e, em seguida, vamos compará-los à situação atual.

O documento de Puebla apresenta logo no início o que chama de visão sócio-cultural da realidade latino-americana. Diz que a apresenta “não com o intuito de provocar desânimo, mas antes querendo estimular a todos os que tenham possibilidades de melhorá-la” e logo acrescenta que a Igreja da América Latina tem procurado ajudar o homem “a passar de situações menos humanas a mais humanas”. E logo o texto continua, dizendo que a Igreja “tem-se esforçado por convocar as pessoas para uma contínua conversão individual e social. Pede que todos os cristãos colaborem na transformação das estruturas injustas e comuniquem valores cristãos à cultura global em que estão inseridos” (n.16). Nestas poucas linhas, todos nós, que participamos de alguma forma da conferência de Puebla ou dela tomamos conhecimento, reconhecemos as grandes preocupações e propostas pastorais da época: indignação diante da realidade social injusta, convocação dos cristãos para atuar no social e colaborar na transformação das estruturas sócio-econômico-políticas injustas do Continente. Daí surgiria no mesmo documento sua opção fundamental, a saber, a opção preferencial pelos pobres e seu estímulo à multiplicação e atuação das Comunidades Eclesiais de Base. A Teologia da Libertação, criada por Gustavo Gutiérrez, quis ser o suporte teológico deste novo tempo da Igreja na América Latina. A evangelização, retomada como atividade fundamental da Igreja no mundo, proposta pela Exortação Apostólica “*Evangelii Nuntiandi*” (1975), de Paulo VI, era interpretada como evangelização libertadora, com forte cunho social e político. Para alguns mais à esquerda os cristãos tinham uma tarefa revolucionária de criar uma sociedade socialista, baseada na análise marxista, por eles considerada como científica, a qual vinha inclusive aplicada à teologia.

Por trás dessa tomada de posição pastoral, há uma realidade latino-americana daquele período, que o documento de Puebla apresenta e que, resumidamente, aqui retomamos. De fato, primeiramente Puebla aconteceu quando o mundo ainda era dividido em dois blocos hegemônicos, que procuravam agrupar as demais nações em seu círculo de influência. Havia, assim, as nações alinhadas com um ou outro bloco e as nações não-alinhadas. Um dos blocos adotava o sistema capitalista-liberal e era liderado pelos Estados Unidos. O outro adotava o sistema socialista-marxista-comunista, liderado pela então União Soviética. Neste tempo, na América Latina imperava um capitalis-

mo selvagem, gerador de pobreza, miséria, fome, analfabetismo, desigualdade social e uma perversa distribuição de renda. Por esta razão, muitas lideranças populares nestes países sentiam fascínio pelo socialismo. Este lhes aparecia como oportunidade de libertar-se de todas as dependências, opressões e misérias. Falava-se muito de capitalistas e comunistas, de opressores e oprimidos, de subversão e repressão, de ditadura e democracia.

De fato, os países latino-americanos haviam recém saído, ou estavam ainda em processo de sair, dos regimes militares e ditatoriais, que as elites conservadoras e privilegiadas, por medo do socialismo e, geralmente, com apoio dos Estados Unidos, haviam instalado a partir dos anos 60. Durante esses regimes, as liberdades democráticas foram supressas e muita repressão, prisões arbitrárias, torturas e assassinatos de presos políticos foram perpetrados, os direitos humanos calcados aos pés, a imprensa amordaçada, os sindicatos dos trabalhadores reprimidos ou simplesmente fechados.

A Igreja, inserida nesta realidade, havia despertado, desde a conferência de Medellín e já com o Concílio Vaticano II, denunciando toda essa situação de pobreza, opressão e injustiça. E, como já dito, a Teologia da Libertação mais combativa e que assumira a análise marxista, bem como também grupos de agentes de pastoral, deixaram envolver-se por este fascínio, pelo socialismo. Dizem os bispos no documento de Puebla: “Comprovamos como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e sub-emprego, desnutrição, instabilidade de trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção. Ao examinar mais a fundo tal situação, descobrimos que esta pobreza não é uma etapa casual, mas sim o produto de determinadas situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, embora haja também outras causas da miséria” (n. 29 e n.30). E logo os bispos acrescentam que há “mecanismos que (...) produzem, em nível internacional, ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres” (n.30).

Em seguida, os bispos em Puebla procuraram concretizar mais essa realidade de pobreza, falando não em conceitos abstratos, mas nos sujeitos

históricos vítimas dessa realidade e então falam de rostos humanos dos pobres, numa longa listagem de rostos das diferentes categorias de pobres. Essa concretização foi pastoralmente muito expressiva, pois é mais fácil falar de pobreza do que de pobres concretos, que nos olham e interpelam (nn. 32-41).

Passando para a realidade política da época, os bispos diziam que os regimes militares exerciam “uma repressão sistemática ou seletiva, acompanhada de delação, de violação da privacidade, de pressões exageradas, de torturas, de exílios (...) de desaparecimento de entes queridos (...), de detenções sem ordem judicial” (n.42). Esses regimes, diziam os bispos, viam “com maus olhos a organização de operários, camponeses e grupos populares” (n.44). Em consequência de tudo isso, cresceu “uma deterioração do quadro político, com grave prejuízo da participação dos cidadãos (...)”, e “a injustiça institucionalizada (Medellín). “Além disso, grupos políticos extremistas, ao empregarem meios violentos, provocam novas repressões contra os setores populares” (n.46). Eram as guerrilhas e sua repressão da parte dos militares.

É também a época da Doutrina da Segurança Nacional, que “contribuiu para fortalecer, em muitas ocasiões, o caráter totalitário ou autoritário dos regimes de força e alimentado o abuso do poder e da violação dos direitos humanos” (n.49).

No âmbito cultural, os bispos sublinharam o materialismo individualista, o consumismo, a deterioração dos valores básicos da família.

A realidade da Igreja era descrita pelos bispos como contaminada pelo indiferentismo religioso, o surgimento de muitas Seitas, a ignorância religiosa do povo católico, menor aceitação imediata do que a Igreja prega, secularização, tendo tudo isso como consequência que muitos católicos “prescindem dos princípios morais, quer pessoais quer sociais e se fecham no ritualismo ou na prática (apenas) social de certos sacramentos e de exéquias, como sinal de pertença à Igreja” (cf. nn. 79-82). Diante disso, a Igreja sente sua insuficiência sob aspecto humano, mas confia no Espírito Santo e não pretende assistir insensível aos clamores da realidade social e eclesial de um mundo em transformação (cf. n. 84).

Estimulada por esses clamores, cresceu “a consciência que a Igreja tem de sua missão evangelizadora e a levou a publicar (principalmente desde a conferência de Medellín) numerosos documentos sobre a justiça social; a criar organismos de solidariedade e de defesa dos direitos humanos; a encorajar a opção de sacerdotes e religiosos pelos pobres e marginalizados; a suportar em seus membros a perseguição e, às vezes, a morte, como testemunho de sua missão profética” (n.92).

Outro aspecto característico da época era a divisão do mundo em dois blocos, o do marxismo e o do capitalismo liberal. O documento condena ambos como sistemas “marcados pelo pecado” (n.92). Na Igreja latino-americana essa situação criou tensões internas, pois havia os que, de um lado, deixavam por demais fascinar-se pelas teses marxistas como libertadoras de todas as opressões, ao passo que, por outro lado, havia os que se identificavam por demais com o capitalismo liberal, como sistema que preserva as liberdades, inclusive o livre mercado.

Neste contexto geral, a atividade da Igreja procura responder aos problemas tanto sociais como eclesiais. Há uma tentativa de aperfeiçoar a catequese, renovar as paróquias, implementar a renovação litúrgica conciliar. Ganham força as Comunidades Eclesiais de Base, valorizadas como renovação comunitária, participação do povo na leitura e interpretação da Bíblia, aplicação da Bíblia na vida prática, principalmente numa prática libertadora, inovações litúrgicas e ambiente propício também para desenvolver novos ministérios de leigos. Também se registra o florescimento de outros grupos eclesiais de cristãos, como são certamente os grandes movimentos eclesiais de leigos e as assim chamadas Novas Comunidades (cf. n.98-101). Também se assinala a importância da religiosidade popular, dizendo: “A revalorização da religiosidade popular, apesar de seus desvios e ambigüidades, exprime a identidade religiosa do povo. Ao purificar-se de eventuais deformações, ela oferece um lugar privilegiado à evangelização” (n.109).

Se passarmos agora ao marco social e eclesial de hoje, constatamos que a história de 25 anos, desde Puebla, modificou bastante a realidade latino-americana e, portanto, impõe-nos a tarefa de perguntar pelas respostas, que

hoje, a Igreja deve dar a essa realidade modificada. Vou tentar primeiro dar uma rápida descrição dessa realidade e depois tentar situar a Igreja neste contexto atual.

Iniciemos com a realidade política. Hoje os países latino-americanos, com exceção de Cuba, voltaram ao regime democrático e superaram, assim, a era dos regimes militares autoritários. Isso sem dúvida é um avanço positivo, que merece o apoio da Igreja. Por outro lado, é necessário reconhecer que muitas dessas democracias, senão todas, umas em grau maior do que outras, são, ainda, bastante precárias e não suficientemente consolidadas. Pesquisas de opinião pública mostram até mesmo que o povo em geral não tem clareza suficiente sobre a importância da democracia e, em consequência, há percentuais significativos de pessoas pesquisadas que não valorizam a democracia como deveriam.

Outro fenômeno que hoje predomina em todo o mundo e, portanto, também na América Latina, é a globalização. Não que ela tenha se tornado realidade apenas agora, pois é um fenômeno que vem crescendo, mas hoje assume um lugar como nunca antes na história da humanidade, alimentada e consolidada pelo progresso, principalmente pelo progresso das ciências e tecnologias de comunicação. Em seu livro "Globalización e identidad católica de América Latina" (Plaza Janés, México, 2003), Guzmán Carriquiry, de nacionalidade uruguaia e há muitos anos sub-secretário do Pontifício Conselho para os Leigos, na Cúria Romana, escreve: "Está claro que la nueva fase histórica reconoce entre sus factores propulsores y desencadenantes los enormes saltos cualitativos, acelerados y acumulativos que se dan en el desarrollo científico, en las innovaciones tecnológicas y en sus aplicaciones muy rápidas y variadas. La tecnología se há convertido en el factor más importante de la producción y del trabajo, de su metamorfosis. Tiende a convertir-se en dinamismo autoregulado de la sociedad. La multidimensionalidad de sus repercusiones hace que abunden hoy las referencias a la "civilización tecnológica" en la apertura de una "era del conocimiento y de la información". El desarrollo de la robótica y la cibernética, la revolución de las comunicaciones, la recapitulación de la tradición oral y el lenguaje escrito dentro de una civilización audiovisual, el acoplamiento de la computadora con la biología en la evolución

biogenética son algunas de sus manifestaciones más sorprendentes y desafiantes. Estas mismas innovaciones están directamente interrelacionadas con el fenómeno de la globalización contemporánea" (p. 27).

De fato, os imensos avanços científicos, que geraram tecnologias cada vez mais sofisticadas e abrangentes, principalmente, na área da computação, da informática, da comunicação, que, por sua vez re-alimentaram o progresso das ciências, num processo permanente de recíproca alimentação, determinaram e desenvolveram a globalização contemporânea. A comunidade humana tornou-se cada vez mais inter-ligada, inter-conectada, por essas novas tecnologias de informação e comunicação. Tornou-se possível comunicar-se de qualquer ponto do mundo, a qualquer momento e de modo instantâneo. É possível fazer negócios com qualquer parte do mundo a qualquer hora do dia e da noite. É possível dialogar e mesmo fazer uma tele-conferência com pessoas de qualquer parte do mundo, sem reuni-las no mesmo lugar físico. É possível informar e ter informações a tempo real sobre o que está ocorrendo no mundo, no mesmo instante em que os fatos estão ocorrendo e reagir, imediatamente, segundo nosso interesse. E assim por diante. Nunca, como hoje, tornou-se verdade que o mundo passou a ser uma pequena aldeia.

Compreende-se como essa nova realidade das ciências e tecnologias de informação e inter-comunicação cibernética favorece o desenvolvimento globalizado do universo financeiro, da economia, da produção e do mercado, principalmente dentro da nova ordem econômica mundial, de perfil neo-liberal, de mercado livre e aberto.

Por outro lado, a globalização atual da economia trouxe também frutos perversos. O problema central foi sua crença de que havia um único modelo econômico aplicável a todos os países, por mais diversos que fossem. Daí os sofridos e duros ajustes econômicos impostos aos países pobres e emergentes, que implicavam a adoção de medidas recessivas, que, por sua vez, geravam desemprego e o abandono de investimentos sociais. Some-se a isso a volatilidade do capital financeiro internacional e o desequilíbrio das negociações comerciais e teremos o quadro negativo e cheio de riscos para o futuro, que a nova ordem econômica globalizada desenhava.

Desse modo, a globalização econômica dos anos recentes, de corte neo-liberal, acabou gerando o crescimento colossal do fenômeno da exclusão social e econômica. Há os incluídos e os excluídos. De fato, ao lado de uma intensiva modernização de muitos setores da indústria e dos serviços, que lhes deu maior e melhor produtividade, bem como maior racionalidade, características essas que as tornaram competitivas no mercado mundial aberto e livre, gerou também o colapso de muitas indústrias mais tradicionais. No Brasil, as novas tecnologias cortaram, em uma década, mais de 10 milhões de empregos (cf. Folha de S. Paulo, 18.1.2004, p. B 1). Assim, a introdução de novas tecnologias, que já por si extinguiu milhões e milhões de postos de trabalho, somada com a falência de indústrias tradicionais, que precisaram fechar e demitir seus empregados, fez com que houvesse verdadeiras massas de desempregados por todo o mundo, também na América Latina. Aliás, muitíssimos postos de trabalho se tornaram absolutamente obsoletos e nunca mais serão ocupados, tornando assim o mercado de trabalho, principalmente na forma de emprego formal, muito mais restrito. O desemprego tornou-se estrutural e se manifesta hoje como gigantesco flagelo social praticamente em todo o mundo. Ora, com o desemprego cresce a pobreza, que para muitos acaba se transformando em miséria e fome.

A situação foi agravada pelo fato de as economias mundiais hegemônicas terem exigido, mediante o Fundo Monetário Internacional (FMI), que os países pobres e emergentes, para entrar na nova ordem econômica mundial globalizada e de mercados abertos, fizessem dolorosos ajustes econômicos, como já foi lembrado acima, com a desregulação de seu sistema econômico, para abrir seus mercados, com a promessa que também os países ricos abririam seus respectivos mercados. Mas, depois de todo esse sacrifício, que custou muito a esses países pobres, os países ricos hoje voltam cada vez mais ao protecionismo de certos produtos seus estratégicos, com grandes prejuízos para os países pobres e emergentes.

Acrescente-se a isso o problema do endividamento externo que continua a asfixiar a economia de muitos países pobres, também na América Latina. Não obstante a renegociação das dívidas, feitas por muitos países extremamente endividados, o montante dos pagamentos anuais dos serviços das dívi-

das coage esses países a diminuir substancialmente seus investimentos internos, exaurindo sua economia, e por esse mesmo motivo acabam gozando de menor crédito externo, o que diminui ou quase anula a entrada de capital estrangeiro de investimento produtivo. Assim, produzem menos e com pouca ou nenhuma qualidade para o exigente mercado mundial. O resultado é a progressiva exclusão desses países da grande ciranda da economia globalizada. Temos, portanto, também países incluídos e países excluídos na comunidade econômica mundial.

Esse mundo de mercado global, livre e aberto, entretanto, vai se organizando em mercados comuns regionais e continentais para ter maior força de competição comercial e, inclusive, política entre si. Assim nasceu o Mercado Comum Europeu, o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e outros mercados comuns pelo mundo afora, e agora se discute a criação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Além da necessidade de fortalecer suas várias áreas de mercado livre comum, a América Latina está hoje diante da necessidade de fortalecer o MERCOSUL E OUTRAS Áreas de Livre Comércio em seu continente, bem com diante das importantes negociações da criação da ALCA, que, de um lado, parece ser quase inevitável por seus possíveis enormes benefícios, mas que, por outro lado, se não for bem negociado, pode significar para a América Latina a submissão à hegemonia da América do Norte, que ficaria com a parte do leão.

Outro fenômeno marcante no mundo atual é o terrorismo, cuja expressão mais dramática e explosiva foi o arrasador e inaudito atentado contra o WTC (World Trade Center) de Nova York, no fatídico 11 de setembro de 2001, que custou milhares de vidas humanas, além do ultraje a fortíssimos símbolos da vida econômica e política do povo norte-americano. Há os que dizem que nada ficou igual depois desse 11 de setembro. Com ele se inaugurou de fato o terceiro milênio (cf. Carriquiry, op.c., p.13). As reações ao 11 de setembro levaram a uma frenética busca de segurança nos países mais ameaçados, bem como à nova doutrina da guerra preventiva, do presidente George W. Bush, que assim tenta justificar a guerra contra o Iraque e todas as pressões contra países suspeitos de apoiar o terrorismo. Ao mesmo tempo, ocorre um grande

avanço do Islam, seja em termos de simples imigração aos países cristãos do Ocidente, seja em termos de choque violento de culturas e de aspirações à conquista de mais e melhor condição no mundo atual globalizado. Tais conflitos, terrorismos e guerras, envolvem obviamente em primeiro lugar interesses econômicos e geopolíticos, ainda que por vezes misturem-se também motivos religiosos. Contudo, não podem ser simplesmente qualificadões de guerras religiosas, como alguns quereriam, injustificadamente. Acrescente-se a complexidade, a persistência e a capacidade crescente de ressonância mundial do conflito entre palestinos e israelenses, com tantas violências de ambas as partes, que torna ainda mais belicoso este início de milênio e tem reflexos sobre todo o mundo.

Voltando à realidade interna de nossos países, vemos crescer a pobreza e a miséria, ainda que haja também avanços econômicos, sociais e políticos. Essa contradição continua a desafiar mesmo os governos que se dizem de esquerda. O problema social é agravado ainda pelo crescente tráfico e consumo de droga, que gera um crime organizado altamente sofisticado e eficiente, que enfrenta de igual para igual, senão com vantagens, o sistema oficial de segurança dos países atingidos.

Em muitos de nossos países, senão em todos, e no Brasil certamente, a reforma agrária continua na pauta como essencial para um desenvolvimento sustentável, justo e socialmente inclusivo de todos. A questão da terra é fundamental em nossos países e a Igreja normalmente a tem defendido e promovido como prioritária para a justiça social.

Também a inclusão social dos indígenas e dos que entre nós são afro-descendentes ainda está longe de ser equacionada com justiça e democraticamente. São dívidas seculares para com essas etnias, cujos membros não podem continuar a ser vistos e tratados como que cidadãos de segunda categoria. São problemas que têm conotações altamente culturais, sócio-econômicas, históricas, políticas e religiosas.

A juventude pobre, principalmente das periferias urbanas, vive abandonada pelo poder público, sofrendo desemprego, falta de escolarização e educação integral, ameaçada pela droga e pela violência urbana, com falta quase total de

perspectivas de futuro. É uma juventude que não tem esperanças suficientes diante de si para decidir-se a canalizar sua vida para a construção de um futuro pessoal e social que valha a pena. A família é cada vez mais enfraquecida, legalmente pouco prestigiada e pouco protegida. A estabilidade matrimonial é cada vez menor. O laço legal do matrimônio entre homem e mulher é sempre mais equiparado a todo tipo de formas diversas de união, inclusive entre pessoas do mesmo sexo. A instituição familiar autêntica não consegue mais o apoio suficiente do poder público e da sociedade para realizar sua vocação e missão. Crescem as ameaças contra a vida nascente por práticas e legislações abortivas sempre mais permissivas.

A realidade eclesial latino-americana de hoje traz também algumas características modificadas em relação ao tempo de Puebla.

A realidade eclesial latino americana está cada vez mais marcada pela presença, atuação e crescimento das assim chamadas Seitas, em especial as (neo-)pentecostais protestantes. Nas últimas duas décadas esse crescimento foi extraordinário. A América Latina como um todo conta hoje, segundo dados recentes, somente com 73% de católicos. É o que se dá também no Brasil, em particular. Um Continente e o Brasil, como seu maior país, que já foram totalmente católicos. Tomarei como exemplo o Brasil, que melhor conheço. Segundo o último censo nacional brasileiro, do ano 2000, na década de 1991 a 2000 no Brasil o número de pessoas que se declaram católicas diminuiu cerca de 10%. Em 1991, o número de brasileiros que se declararam católicos foi de 83,3% do total da população e em 2000, somente 73,9%.

Essa informação deixou a nós, católicos, especialmente os bispos, mais uma vez chocados, preocupados e perplexos. Perguntamo-nos o que estaria acontecendo com nossa Igreja Católica no Brasil. A informação do censo foi confirmada por um trabalho de pesquisa realizado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, publicada num livro intitulado "Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil", lançado no início de 2003 (pela PUC-Rio, Ed. Loyola e apoio da CNBB). Ali, registram-se estatísticas complementares e se diz: "Hoje, a Igreja Católica (no Brasil) apresenta uma forte redução do seu número de fiéis, particularmente em algumas das prin-

cipais regiões metropolitanas do País, [...]: o Rio de Janeiro, com 54% de católicos; Vitória, com 56%; Recife, com 62%; São Paulo, com 68%” (p. 15-16). Qual será o futuro do catolicismo, a médio e longo prazo, no Brasil? É a pergunta angustiante que paira no ar.

A pesquisa da PUC-Rio mostra ainda que a maior evasão de católicos está ocorrendo nas periferias pobres das nossas cidades. Nos demais países latino-americanos creio que a situação não é muito diferente da situação brasileira.

Outro fenômeno que vai se manifestando, junto ao pluralismo religioso, é o agnosticismo, principalmente nas camadas da intelectualidade, da universidade, dos meios de comunicação, e, em geral, entre as elites sociais. Poderia ser considerado um modismo, não fosse a seriedade do que está em questão. Nos meios intelectuais e acadêmicos já houve um tempo, no Brasil, em que era necessário ser positivista para ter auditório. Depois, foi o tempo em que era necessário ser marxista-socialista. Agora, está sempre mais em voga ser agnóstico.

De fato, a pós-modernidade expressa o fracasso do iluminismo racionalista moderno, que levou o mundo às grandes ideologias de esquerda e de direita, as quais quiseram, cada uma a seu modo, coagir toda humanidade a aceitar suas “luzes”, mesmo com violência e desumanidades, gullags e holocaustos inauditos. O século 20 presenciou essas violências extremas do nazi-fascismo, do comunismo e mesmo do capitalismo liberal, o qual impôs a pobreza e a miséria a centenas de milhões de pessoas pelo mundo afora. Diante do fracasso dessas grandes ideologias, ou, como outros dizem, dos “grandes relatos”, surge o agnosticismo desencantado, sem arroubos por verdades absolutas e universais. O agnosticismo se adapta bem ao pluralismo e ao individualismo vigentes na grande sociedade, ao hedonismo do prazer imediato e fácil, ao permissivismo comportamental e ético, ao consumismo oferecido pela nova ordem econômica mundial fundada na hegemonia do livre mercado globalizado, todos elementos do modo de ser e pensar da nossa sociedade.

O agnosticismo não admite que se possa chegar à certeza da verdade absoluta e universalmente válida. É seu desencanto diante das grandes ideo-

logias. Dito popularmente, para o agnóstico eu tenho a minha verdade e você, a sua. Mas eu não posso, nem você pode, dizer que a minha ou a sua verdade seja a verdadeira. Mas – diz o agnóstico – não vamos brigar por isso, pois não importa quem tenha a verdade. Aliás – adverte o agnóstico – a verdade pode tornar-se perigosa, quando queremos que todos aceitem nossa verdade, como fizeram as grandes ideologias. Aqui as próprias religiões tornam-se suspeitas de serem potencialmente perigosas e violentas, na medida em que afirmam verdades absolutas e universais. É melhor satisfazer-se – conclui o agnóstico – com uma visão de mais modesta, pluralista, tolerante e relativista.

Assim pensa o agnóstico. Ele desistiu da verdade. Nele se extinguiu a paixão pela verdade. Mais um passo e estará no nihilismo, ao perguntar se ainda vale a pena alguma coisa, se o homem ainda tem algum sentido, se ainda é possível ao menos a fundamentação de um mínimo indispensável de valores éticos universais, ou se o homem realmente não passa de “uma paixão inútil” (cf. Sartre). Na Europa, chama-se isso de “pensamento débil”. Em vez da arrogância dos “grandes relatos”, agora um “pensamento débil”, sem pretensões, nem vontade, de ter a verdade fundamental e fundante de toda a realidade, a verdade verdadeira e universal, base necessária e indispensável para se fundamentar uma ética universal.

Podemos perguntar até que ponto esse agnosticismo é uma tentação sutil que aflige também certos agentes de pastoral, teólogos e pegadores. A tentação de dizer que cada um tem a sua verdade e ninguém tem direito de dizer que a sua seja a verdadeira, ronda muitos corações, perplexos diante do pluralismo que caracteriza a pós-modernidade.

Sem dúvida, ainda que não sejam questões apenas latino-americanas, mas também mundiais, estão aí a questão do papel da mulher na sociedade e na Igreja, a questão da sexualidade humana em todas as suas dimensões, a questão do avanço no campo da biogenética e das biotecnologias. São questões urgentes das quais a Igreja não pode nem deve fugir nem tentar minimizá-las e que exigem um diálogo aberto e profundo, um acompanhamento constante, inteligente, amoroso e conseqüente.

Também o diálogo ecumênico, inter-religioso e o diálogo com as culturas e as ciências são campos imensos em que já se avançou bastante, se conti-

nua a avançar, mas que, por sua importância atual decisiva na convivência humana, estão longe de serem suficientemente atendidos.

Simultaneamente, a Igreja tem que enfrentar a indiferença religiosa de muitos, a ignorância religiosa de tantos de seus próprios fiéis, a falta de clero, a dificuldade de encontrar e formar vocações sacerdotais, a falta de recursos financeiros ou então de desperdício desses recursos em atividades e iniciativas que não mudam nada.

Por outro lado, a realidade eclesial latino-americana de hoje, ao lado de tantas sombras, também apresenta luzes e realidades positivas de evangelização e vida cristã. Constata-se um contínuo esforço de tornar as comunidades mais vivas e participantes, bem como mais solidárias para com os pobres. A vida sacramental, em especial a participação nas Santas Missas, é avivada. Os muitos movimentos eclesiais de leigos estão participando ativamente na evangelização e na missão. A Igreja continua a exercer com muitas iniciativas a solidariedade para com os pobres. Há presença maior da Igreja nos grandes Meios de Comunicação, com meios próprios. A preparação do Grande Jubileu de Jesus Cristo, no ano 2000, e sua realização renovaram a Igreja e lhe deram alento maior. Contudo, depois de Puebla, três grandes eventos eclesiais marcaram a Igreja latino-americana, a saber, a publicação do Catecismo da Igreja Católica (1992), a Conferência de Santo Domingo (1992) e o Sínodo Extraordinário para a América (1997).

O Catecismo da Igreja Católica deu um novo impulso a toda a catequese na Igreja e tornou-se a referência necessária para conhecer a doutrina autêntica e consolidada do Magistério da Igreja. Foi um enorme auxílio, numa época em que muitas novas doutrinas e releituras da Bíblia buscaram espaço dentro da Igreja.

A Conferência de Santo Domingo, a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em 1992, foi um momento forte e propulsor da vida da Igreja neste Continente e teve como tema, definido pelo Papa João Paulo II: "Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã. Jesus Cristo, Ontem, Hoje e Sempre". Nesta conferência, a Igreja latino-americana assumiu a proposta do Papa de uma Nova Evangelização, "como novo ardor, novos métodos e novas

expressões", em busca dos católicos afastados e de todos os que pouco ou nada conhecem a Jesus Cristo. Também o tema da relação entre cultura e fé foi amplamente desenvolvido, buscando-se assumir na evangelização e na pastoral a inculturação da fé e a evangelização da cultura. A partir de então, muito se discutiu a inculturação, sem a qual a evangelização ficaria inconclusa. Continua como um dos grandes desafios da Igreja hoje. Na promoção humana, Santo Domingo continua na linha das conferências de Medellín e Puebla empenhando a Igreja na justiça social e na evangélica opção pelos pobres, na solidariedade para com todos os necessitados e na defesa dos direitos humanos.

Outro evento de fundamental importância para a Igreja na América Latina, Caribe e toda a América, nestes 25 anos depois de Puebla, foi o Sínodo Extraordinário para a América (1997), no Vaticano, em preparação ao Grande Jubileu de Jesus Cristo no ano 2000. O sínodo teve como tema, definido pelo Papa: "O encontro com Jesus Cristo vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade". Deste sínodo resultou a Exortação Apostólica "A Igreja na América" (1999), de João Paulo II. O tema central é novamente a Nova Evangelização e como realizá-la na América no terceiro milênio. Nessa exortação pós-sinodal, o Papa destaca uma característica fundamental da evangelização, a saber, o encontro forte e pessoal com Jesus Cristo vivo. O anúncio direto da pessoa de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, e da mensagem do seu Reino, deve levar o ouvinte a fazer um encontro forte e pessoal com Jesus Cristo, um encontro que o faça aderir profundamente a Cristo e o faça sair transformado desse encontro como discípulo capaz de investir tudo para seguir a Cristo. De fato, na Bíblia a fé não é apenas um assentimento intelectual à palavra de Deus ou a uma doutrina elaborada a partir dessa palavra, ainda que esse assentimento seja parte integrante da profissão de fé. Mas na Bíblia a fé inclui também e principalmente uma adesão da pessoa inteira a Deus, um relacionamento pessoal com Deus, numa aliança total. Essa adesão nasce do encontro pessoal e forte, no caso, com Jesus Cristo, um encontro pessoal que depois se transforma em encontro comunitário, pois o crente é levado a ingressar na comunidade dos crentes. Ali, na comunidade esse encontro se renova sempre de novo e se consolida, sem deixar de ser também sempre um encontro e relacionamento profundamente pessoais com Cristo.



Ora, a grande maioria de nossos católicos nunca fez esse encontro forte e pessoal, porque nossa pregação não o conduziu a isso. Não conseguimos levar nossos ouvintes a este encontro pessoal. Daí, sua fé é frágil, muitas vezes confusa, incompleta, o que o torna presa fácil de pregadores de outras crenças. Está aqui uma das grandes causas do crescimento das Seitas. O Papa já dizia no seu discurso inaugural da Conferência de Santo Domingo: "O avanço das Seitas põe em evidência um vazio pastoral" (n.12).

Creio que este quadro social e eclesial delinea alguns grandes desafios hoje para a Igreja na América Latina e Caribe, entre os quais quero destacar os seguintes:

### 1. *Evangelização e Missão*

A grande, até mesmo inédita, evasão de católicos para outras crenças, principalmente para as Seitas (neo-)pentecostais protestantes, em toda a América Latina e Caribe, em especial nas últimas duas décadas, não pode deixar-nos indiferentes ou resignados. Tanto mais, porque a evasão continua não havendo provas suficientes de que esteja parando ou diminuindo. Nós somos, hoje, os pastores responsáveis por esta Igreja. No futuro seremos responsabilizados pelo que ocorreu nesta nossa época. Sabemos que muitas Seitas têm como claro e decidido projeto trabalhar para que no futuro próximo a Igreja Católica não seja mais a Igreja majoritária no Continente. Em certas áreas de algumas de nossas dioceses isto já se tornou realidade: os católicos não são mais a maioria.

Em segundo lugar, conforme as pesquisas feitas no Brasil, a maior evasão de católicos está ocorrendo entre os pobres das periferias urbanas. Não obstante nossa opção preferencial pelos pobres, são as Seitas que estão levando os pobres para as suas comunidades. Não podemos negar isso, por mais que nos custe aceitar, pois os números do processo de evasão não mentem.

Parece bastante claro que a maior causa de evasão de católicos é a falta de evangelização. Por muitas razões, não conseguimos no passado

evangelizar suficientemente os que nós batizamos. Essa falta de evangelização resultou para muitos de nossos católicos em falta de oportunidade para um encontro forte e pessoal com Jesus Cristo, que é a meta do anúncio querigmático, como nos ensina claramente o Papa. Sem isso, a fé permaneceu frágil e, por vezes, meramente superficial que resistiu enquanto não houve outros pregadores no caminho. Hoje, no pluralismo religioso urbano essa fé frágil está constantemente ameaçada. E, contudo, aqueles que nós batizamos têm o direito de serem evangelizados por nós, ainda que tenham também a liberdade de buscar esta evangelização em outras crenças. Se eles têm o direito de serem por nós evangelizados, significa que nós temos o dever de evangelizar os que batizamos.

Parece então que é necessário iniciar na prática uma verdadeira retomada da evangelização, principalmente o anúncio querigmático, e irmos a busca dos católicos afastados e de todos os que pouco ou nada conhecem Jesus Cristo. "Ir em busca" significa missão. Ir de casa em casa, organizadamente e com perseverança. Não bastam missões populares de 20 ou 30 dias na paróquia. Teremos que realizar uma missão permanente, como, aliás, a fazem as Seitas no meio de nosso povo católico e o fazem com grande fruto. Ir de casa em casa e voltar sempre de novo às famílias e casas já visitadas. Não basta visitá-las de três em três anos, ou algo semelhante. As famílias querem ser valorizadas, amadas, consoladas, apoiadas, principalmente as famílias pobres de nossas periferias urbanas. É claro, que a metodologia missionária das Seitas não pode ser totalmente adotada por nós, mas muitas das suas práticas missionárias deveriam nos inspirar a elaborar a nossa metodologia.

Ao mesmo tempo, nossa evangélica opção pelos pobres deve continuar, ampliar-se e enfrentar os problemas sociais de hoje, mas tornar-se mais próxima das pessoas e das famílias e não se reduzir apenas a grandes projetos sociais, que sempre são um tanto impessoais e distantes do contato pessoal. As pessoas querem contato mais caloroso e amoroso com a Igreja.

### 2. *A Paixão pela Verdade*

Trata-se aqui da questão do agnosticismo crescente na sociedade atual, o chamado "pensamento débil", que renunciou às grandes verdades, absolu-

tas e universais, desencantado pelas violências às quais chegou o racionalidade moderna, na sua forma de ideologias que tentaram impor-se universalmente, como foram o comunismo, o nazi-fascismo e mesmo o capitalismo liberal. A questão tem tudo a ver com a Igreja, que também prega uma doutrina universal, um único Salvador da humanidade, Jesus Cristo.

Não podemos dobrar-nos ao agnosticismo. Não devemos resignar-nos a seu desencanto, nem aos seus argumentos contra uma verdade universal. A humanidade não pode desistir de buscar a verdade. Isso pertence à essência de sua dignidade e de sua vocação. O ser humano que desiste de buscar a verdade fundamental e fundante, o sentido último da realidade, se desumaniza, regride, fere sua dignidade mais alta. Apesar do fracasso das "luzes" da modernidade, é preciso reacender a paixão pela verdade e superar o "pensamento débil", sem medo da verdade. A verdade verdadeira não gera violência, não coage, mas torna livres.

Isso vale "a fortiori" para as religiões. Em particular, o cristianismo professa que Deus é essencialmente amor e quer ser acolhido por adesão livre. Lamentavelmente, há quem insinue que as religiões podem tornar-se perigosas, fator de conflito e de guerra. Na verdade, toda violência contradiz a religião. Resta, assim, às religiões, em especial ao cristianismo, hoje, mostrar ao mundo que a verdade, em seu cerne mais determinante, exige viver o amor, o diálogo, a paz, a doação, a solidariedade.

### 3. O Diálogo

Na sociedade pluralista pós-moderna, o diálogo é fundamental na evangelização. O Evangelho deve ser anunciado integralmente, oportuna e inoportunamente, mas nunca impositivamente. Deus mesmo é o modelo do diálogo. Ele sempre propôs sua palavra, quis uma adesão livre e nunca impôs. O Evangelho também deve ser proposto aos seres humanos, nunca imposto. A missão que anuncia, não contradiz o diálogo. Aliás, a identidade de fé e pertença a uma Igreja não impedem um diálogo autêntico e leal; ao contrário, cada um dos dialogantes contribui para a riqueza do diálogo com sua origi-

nalidade própria, com seus valores e propostas. O diálogo supõe, sim, a busca sincera da verdade. O outro pode me ajudar a encontrar a verdade ou a aprofundar a minha própria verdade, enriquecendo sua compreensão com novos elementos.

A Igreja Católica na América Latina e Caribe tem diante de si um imenso campo de diálogo a desenvolver: o diálogo ecumênico, o diálogo inter-religioso, o diálogo com as várias culturas, o diálogo com a pós-modernidade, com a ciência, com o mundo das novas tecnologias (penso, em especial, nas biotecnologias que estão abrindo caminhos de verdadeira interferência no comportamento do ser humano, interferência genética), diálogo sobre a ética, os valores morais, a sexualidade, a instituição familiar. As grandes mudanças culturais, científicas e tecnológicas do mundo de hoje desafiam a Igreja para o diálogo e para sua maior capacitação e atualização no serviço da evangelização desta nova sociedade.

### 4. A Solidariedade com os Pobres

A opção pelos pobres deu uma identidade muito especial à Igreja latino-americana, desde a Conferência de Medellín. De fato, ela tem se empenhado na solidariedade para com os pobres, na luta pela justiça social, pelos direitos humanos, pela dignidade dos indígenas e dos negros, dando um grande testemunho, que ultrapassou as fronteiras do Continente e repercutiu no mundo e na Igreja universal. Essa evangélica opção pelos pobres deve continuar sendo uma das suas características e é proposta mesmo a toda Igreja, em nível mundial, como deixou claro João Paulo II, no documento "Novo Millennio Ineunte" (2001), quando ele estimula a Igreja a levar seu barco para águas mais profundas (*Duc in altum*) e indicando como levar a fé à prática, diz que no meio do mundo os cristãos devem "apostar na caridade" (n.49). Essa caridade deve se traduzir em solidariedade para com os pobres, pois, diz ele: "há na pessoa dos pobres uma especial presença de Cristo, obrigando a Igreja a uma opção preferencial por eles" (n.49).

No mundo globalizado de hoje, a pobreza apresenta novos aspectos, principalmente a exclusão de muitas pessoas, inteiras categorias de pessoas

e até mesmo nações inteiras. Talvez o maior flagelo social hoje seja o desemprego estrutural, trazido pela globalização. A Igreja não pode aceitar que haja pessoas socialmente excluídas, nações inteiras excluídas. A Igreja não pode aceitar a fome de tantos milhões, o crescimento da miséria junto à indiferença prática dos povos ricos e desenvolvidos, que estão mais preocupados com a concorrência comercial internacional do que com a solidariedade. De fato, a selvagem competitividade que a nova ordem econômica mundial de mercados abertos impõe às empresas, sejam nacionais sejam multinacionais, faz com que diminua sensivelmente a efetiva solidariedade para com os pobres.

De modo particular, a luta contra o desemprego, contra a falta de trabalho para tantos milhões de pessoas, seja na cidade seja no campo, deve ser um objetivo muito específico hoje para a Igreja na América Latina. O trabalho é chave essencial para resolver o problema da pobreza, já ensinava o papa na "Laborem Exercens" (cf. n. 3).

São esses alguns dos principais desafios que enfrenta hoje a Igreja na América Latina e Caribe. Muitos outros poderiam ser assinalados, mas me restrinjo a esses, que considero entre os mais importantes.

Concluo dizendo que a Igreja latino-americana tem hoje uma imagem que se destaca no mundo, mas ela deve constantemente rever sua vida e missão, para que continue sendo uma resposta evangélica adequada a cada novo tempo.

Cardeal Dom Cláudio Hummes é Arcebispo de São Paulo e Grão-Chanceler da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

## ANÁLISE DA HERANÇA CULTURAL HELÊNICA NA REFLEXÃO TEOLÓGICA, EM BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS QUE SUPEREM OS LIMITES E IMPASSES LEGADOS POR ELA NUM CONTEXTO PÓS-MODERNO

### ENFOQUE DA TEOLOGIA DOGMÁTICA

*Prof. Dr. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves*

### 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é explicitar teologicamente a influência do helenismo filosófico na teologia em termos de contribuição, limites e de elementos que apontem à elaboração de um complexo teológico útil, necessário e eficaz, tendo em vista suscitar a relevância e a pertinência da hermenêutica teológica no ato da produção desse complexo teórico. Justifica-se esse objetivo pela constatação da referida influência nas formulações teológicas, especialmente na área dogmática ao longo da história da tradição teológica e eclesial. Essa influência explícita a maneira como o conteúdo revelado, testemunhado como Palavra de Deus verbalizada aos seres humanos, foi, por diversas formas, transmitido às diferentes gerações de cristãos. A atenção é então concentrada nas formas de transmissão do conteúdo da fé e da revelação, sem se esquecer que nenhuma formulação esgota todo mistério *absconditus et revelatus* de Deus.

Para atingir esse objetivo, optou-se por definir o helenismo, verificar sua incidência na história da teologia compreendida a partir da divisão clássica da